

PENSANDO COM O ALUNO: Um Experimento de Ensino*

*Ana Luiza Silva de Medeiros**
*William Coelho de Oliveira**

RESUMO: como enfrentar os desafios de regência de turma em estágio supervisionado? Qual a função do livro didático se nenhum aluno o mantém consigo? O que fazer para despertar o interesse dos alunos viciados em não assistir aula? Enfim, como dar aula de Filosofia para alunos que se recusam a ler e a pensar? A experiência a relatar do estágio de Licenciatura em Filosofia, supervisionado pelo *Prof. William Coelho*, trata do exercício de reflexão adotado nas turmas de segundo ano do ensino médio do *Centro de Educação Integrada Professor Eliseu Viana*, em Mossoró-RN. Consistiu em quatro atividades pedagógicas mediadas por audição musical, leitura de texto, leitura de imagem e exercício de autorreflexão e autoavaliação. O experimento pedagógico objetivava despertar o interesse dos alunos para a Filosofia e promover a reflexão sobre os conflitos individuais. Contudo, seus resultados extrapolaram esses objetivos proporcionando inclusive uma relação de confiança entre alunos e professora-estagiária, de modo que a professora escolar decidiu repetir o experimento exitoso em outras turmas. Disso inferiram-se algumas ideias sobre o ensino de filosofia e proposta de oficina pedagógica que merecem ser debatidas pela comunidade acadêmica visando a investigação e aperfeiçoamento.

PALAVRAS-CHAVES: Experimento de Ensino. Filosofia. Reflexão.

Introdução

Ao entrar em sala de aula na minha experiência de Estágio Supervisionado III, realizada no *Centro de Educação Integrada Professor Eliseu Viana*, localizado no município de Mossoró-RN, deparei-me com vários desafios: dentre os quais, a falta de interesse dos alunos para com a disciplina de Filosofia, por a considerarem inútil e cansativa; além da

* Texto para inscrição no V SETEPE: apresentação oral no GT-2 - Estágios Supervisionados: experiências e vivências no processo de formação.

* Bolsista do PIBID FILOSOFIA-FAFIC, sob a Coordenação do *Prof. Me. William Coelho-DFI*; aluna do 8º período de Licenciatura em Filosofia da FAFIC-UERN. Contato: analuizamedeiros1911@gmail.com.

* Professor Coordenador do PIBID FILOSOFIA-FAFIC; Supervisor de Estágio Supervisionado III e IV. Contato: williamcoelho@uern.br.

recusa deles a levarem o livro adotado, haja vista ser *o mais pesado e o menos utilizado* – segundo eles.

Ao analisar a situação pensei em fazer valer a educação deles para além da preocupação com o mercado de trabalho ou com o ingresso na universidade. Para tanto, fez-se necessário tornar prazerosos aqueles 40 minutos considerados enfadonhos. Isso sugeria tematizar a própria condição da humanidade.

Após algumas observações da turma, decidi estimulá-los com um texto chamado *Querido Professor*, que fora escrito por um sobrevivente do holocausto. Depois apresentei-lhes o quadro *Guernica*, do pintor Pablo Picasso. Então, teci breves comentários sobre a história do século XX, buscando mostrar o contexto de guerra que inspirou as obras. Disso, fi-los perceber o quanto podemos produzir ao sairmos da nossa zona de conforto.

Mas era preciso fazê-los pensar. Então pedi a cada um que se olhasse interiormente e resgatasse qualquer conflito que lhe afligisse, observando os sentimentos correspondentes e materializando-os em uma carta, desenho, pintura, poesia – como considerassem melhor – e que no final da atividade cada qual atribuísse a si próprio uma nota como ser humano. Quanto a isto eu apenas analisaria sem interferir. Porém, não aceitaria nada copiado da internet. E assim foi feito.

Os trabalhos foram recebidos com apreensão. Entregaram-me as mais variadas histórias: a maioria de frustrações. Mas o resultado foi ótimo. Criou-se a partir daí uma relação de confiança. As aulas passaram a ficar mais dinâmicas, com cada vez mais participação de todos. Entusiasmada com o êxito do experimento, a professora titular decidiu repetir a experiência em outras turmas.

O Ensino de Filosofia no Eliseu Viana

O diagnóstico do Estágio Supervisionado no *Centro de Educação Integrada Eliseu Viana* mostrou que o ensino de Filosofia é ministrado por duas professoras: uma formada em História e a outra em Ciências Sociais. Semanalmente são apenas 40 minutos de aula em cada turma do ensino médio. O livro didático adotado pela escola é o *Filosofando*, de Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, com 30 capítulos. Todos os alunos do nível médio o receberam do Programa Nacional do Livro Didático. Os temas trabalhados em sala

de aula se conformam à sequência dos capítulos: os dez primeiros para as turmas de primeiro ano; do décimo primeiro ao vigésimo, para as de segundo ano; e do vigésimo primeiro ao trigésimo, para as de terceiro ano.

Graças à Lei 11.684/2008, a disciplina de Filosofia é obrigatória no currículo do Ensino Médio das escolas públicas. Contudo, ela ainda é vista pelo alunado como inútil e enfadonha. Na maioria dos casos essa desvalorização do ensino de filosofia deve-se à falta de incentivo por parte da escola para com a disciplina e da falta de criatividade do professor ao ministrá-la, tornando-a matéria decorativa. Observa-se que os alunos estudam história da filosofia como qualquer outro conteúdo sem sequer perceberem-na como meio de exercitar o pensamento sobre a realidade, a sociedade e a vida. Por outro lado, a escola trata os alunos apenas como alguém que está ali para decorar assuntos a fim de chegarem à universidade ou ao mercado de trabalho. Assim, ignora-se o que dizem os PCNs sobre o cunho humanista na educação cidadã, para formar indivíduos capazes de decidir sobre sua vida e de outras pessoas. Pois, ao saírem da escola terão de saber enfrentar os problemas sociais e políticos nos quais estão incluídos. E nesse aspecto a filosofia seria companheira da escola para ajudar a humanizar cidadãos pensantes.

Dificuldades em Sala de Aula

Ao assumir o papel de docente em qualquer que seja a disciplina exige-se atenção redobrada, já que estamos lidando com pessoas que possuem os mais variados pensamentos e posturas. Colocar o respeito e o diálogo como meio de interação é sempre a atitude correta a se fazer. A disciplina de Filosofia considerada “nova” na grade curricular escolar sofre resistência por parte do alunado que não reconhece a sua importância. Na minha experiência de estagiária de Licenciatura, a principal dificuldade foi a de trazer o aluno para a Filosofia, já que eles insistiam em conversar, em utilizar aparelhos eletrônicos em sala de aula, atrapalhando o desenvolvimento da aula. Não existia por parte do alunado qualquer interesse ou necessidade de interagir sobre os assuntos dados já que os alunos não percebiam importância sequer na leitura, convencidos de que bastaria decorar o assunto para fazer a prova, alcançar nota acima de 6 pontos e conquistar aprovação.

Observei que sob a perspectiva da pedagógica tradicional ficaria difícil fazê-los perceberem a importância que eu atribuía à disciplina. Analisando as dificuldades, então, pensei que seria necessário trazer a filosofia para mais perto deles em vez de tentar leva-los até ela. Fazia-se mister introduzi-la dentro da realidade deles, a fim de torná-la mais convidá-los ao conteúdo a ser repassado.

Metodologia

Pode-se dizer que o convite consistiu numa estratégia pedagógica que comporta as quatro etapas da *Metodologia do Ensino de Filosofia* do Sílvio Gallo (2012). A princípio apresentei-lhes compositores da música popular brasileira, como Chico Buarque, Tom Jobim e Vinicius de Moraes, Cazuza, Renato Russo, Humberto Gessinger, e lhes pedi que trouxessem na aula seguinte uma música dentro do entendimento de cada um. Ao receber os trabalhos notei que a maioria consistia em composições dos anos entre 1960, 1970 e 1980. Todas com um fundo de protesto social. Dessa forma dei-lhes uma breve aula de história sobre o que foi a ditadura militar no Brasil, o enorme processo criativo nesse período em função da falta de liberdade de expressão, de modo que os artistas da época sempre arrumavam uma forma de driblar a censura e materializar o sentimento de revolta e frustração para com a situação social da época, surgindo assim lindas composições e obras artísticas admiráveis até hoje.

Na sequência mostrei-lhes uma foto do quadro *Guernica*, do pintor espanhol Pablo Picasso e contei a história do ataque nazista à cidade espanhola homônima, por cuja indignação se inspirou o pintor, materializando os seus sentimentos em arte.

Depois li-lhes um texto intitulado *Querido Professor*, que dizem ter sido encontrado em um campo de concentração nazista:

Querido Professor!

Eu sou uma sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum ser humano deveria testemunhar: câmaras de gás construídas por engenheiros ilustres, crianças envenenadas por médicos altamente especializados, recém-nascidos mortos por enfermeiras diplomadas, mulheres e bebês assassinados e queimados por gente formada em ginásio, colégio e universidade. Por isso, caro professor, eu duvido da educação. E lhe faço um pedido: ajude seus estudantes a se tornarem humanos. Seu esforço, professor, nunca deve produzir monstros eruditos e cultos, psicopatas e Eichmans educados. Ler e escrever são importantes somente se

servirem a tornar nossas crianças seres mais humanos. (Texto atribuído a Janusz Korczak)

Após a leitura do texto dei uma breve aula sobre o que foi o holocausto, para entenderem do que tratava a carta ao professor. Com isso pretendi mostrar-lhes que mais importante do que decorar assuntos a fim de irem para faculdade ou para o mercado de trabalho é serem humanos. Então, pedi que cada um materializasse artisticamente um sentimento seu: fosse de medo, angústia ou revolta, escrevendo uma carta, poesia, conto, história, pintura ou desenho. E a partir disso atribuísem a si próprio uma nota de 0 a 10 como ser humano. Eu não interferiria na nota. Entretanto, garanti-lhes que eu não aceitaria nada colado da internet. Recebi, por fim, expressões das mais diversas histórias marcadas por abandono e rejeição familiar, assim como sentimentos de frustração para com a sociedade e dúvidas sobre a aceitação da sua condição sexual.

Objetivos

A prática trabalhada teve como objetivo paradidático criar uma relação de confiança entre alunos e professora-estagiária. Didaticamente, porém, o intuito era mostrar que em momentos de conflito interno somos capazes de produzir, de criar e de materializar nossos sentimentos. Além disso, o exercício pretendia fazê-los pensar a partir da própria vivência e lhes despertar a capacidade de refletir e compreender a própria realidade em que vivem, de modo a se autoavaliarem e assumirem atitudes de estudante frente ao conteúdo didático a ser apreendido.

Considerações Finais

Considerando que a relação de confiança gerada entre os alunos e a estagiária-professora a partir dessa experiência permitiu que as aulas fossem mais produtivas e que, por isso, os estudantes passaram a levar o livro didático e junto com ele demonstraram mais vontade de participar, sempre propondo para debate algum assunto do cotidiano, que eu aproveitava como exemplo dentro dos assuntos trabalhados, e que tamanho êxito foi reconhecido e aproveitado pela experiente professora escolar aplicando o experimento em

outras turmas, vale inferir que o ensino de Filosofia pode ser tão promissor para a nossa educação cidadã quanto mais reflexiva for a sua forma pedagógica e tanto mais for o seu conteúdo interativo com a História e com a realidade do aluno.

Referências bibliográficas

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*. Consultado em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14Filosofia.pdf>.

GALLO, Sílvio. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas, SP: Papirus, 2012.